

Notas sobre a Bíblia Sacra de Évora (BPE CXXIV /1-3)*

H O R Á C I O A U G U S T O P E I X E I R O

Academia Portuguesa da História
hpeixeiro@gmail.com

Resumo: Estas notas sobre a Bíblia italiana da Biblioteca Pública de Évora (BPE CXXIV/1-3), pretendem enquadrar a sua iluminura na produção bolonhesa dos finais do séc. XIII, estabelecendo alguns pontos de contacto com outra Bíblia italiana pertencente à Torre do Tombo (CF 137) e com o Missal Antigo de Lorvão (Santa Maria de Lorvão Liv. 43), também deste arquivo nacional e, ainda, utilizando como referência outros exemplares bem conhecidos, como a Bíblia Vaticana (lat. 20) e as parisinhas (BnF ms. lat. 18 e 22).

Palavras-chave: Bíblia, Bíblia de Évora, iluminura medieval, Jaccopino da Reggio.

Notes on the Biblia Sacra of Évora (BPADE CXXIV /1-3)

Abstract: When it comes to the Italian Bible of the Évora Public Library (BPADE CXXIV / 1-3), we intend to frame its illuminations in the Bolognese production of the end of the thirteenth century, establishing some points of contact with another Italian Bible belonging to Torre do Tombo (CF 137) and with the Missal Antigo de Lorvão (Lorvão 42, CF 145) from that national archive as well. We also aim at using as a reference other well-known copies, such as the Vatican Bible (lat. 20) and the Parisian Bible (BnF ms. Lat. 18 and 22).

Keywords: Bible, Bible of Évora, medieval illuminations, Jaccopino da Reggio.

* Algumas destas notas foram utilizadas em outras intervenções. O regresso a elas deve-se ao amável convite dos organizadores do colóquio que esteve na origem deste texto.

1. Nota inicial

Permitam-me uma nota inicial, com um tom autobiográfico, para justificar o meu interesse pela bíblia italiana da Biblioteca Pública de Évora (BPE CXXIV/1-3). Foi há trinta e tal anos, quando me iniciava no estudo da iluminura, que, a propósito do Missal Antigo de Lorvão, que estava a estudar, me deparei com as bíblias italianas de Évora e de Lisboa (ANTT). Numa altura em que os catálogos existentes davam informação escassa e, em muitos casos, errada, e os estudos, entre nós, eram poucos e incipientes (e não havia internet), o aprendiz, à falta de orientação segura, dependia muitas vezes dalgum apoio vindo de centros em que o estudo dos manuscritos tinha já larga tradição. Foi num encontro, mais ou menos casual, proporcionado pela amiga Adelaide Miranda¹, com Yolanta Zaluska², que se confirmaram as minhas suspeitas de que não estavam certas as informações sobre a origem e a datação do dito missal. De facto, sem grandes justificações, toda a nossa historiografia associava a produção deste códice ao mosteiro de Lorvão no século XV. Uns suspeitavam; outros repetiam o que alguém já dissera; havia até quem não tivesse dúvidas de que a obra era originária de Lorvão associando a relevância dos trabalhos ligados ao vinho nas imagens que ilustram os meses do calendário à produção vinícola abundante na zona de Coimbra. Bizarra explicação, mas mais estranha, ainda, a suposição de que o *scriptorium* do mosteiro Lorvão estaria ativo no séc. XV, duzentos e muitos anos depois de os monges terem sido expulsos e não deixando escola entre as novas ocupantes que se abasteciam de manuscritos na encomenda. A origem e a datação de tão importante obra – Bolonha, oficina de Nerio, 1305-1314 –, foi feita com base nos aspetos formais, estilísticos e iconográficos e, especialmente, nas referências textuais, encontradas no Precónio Pascal, aos nomes do papa Clemente V, cujo pontificado decorreu entre 1305 e 1314, e do bispo Uberto, antístite de Bolonha de 1302 a 1322. Foi assim, por comparação com esta obra, que associei a Bíblia de Évora à mesma origem mas com uma datação ligeiramente anterior³. Mais à frente indicarei alguns pontos de contacto entre estes códices, ainda que sejam diferentes tanto a data de execução como a autoria.

1 Adelaide Miranda, Professora na FCSH-UNL, grande impulsionadora dos estudos da iluminura em Portugal.

2 Yolanta Zaluska, investigadora sobejamente conhecida do CNRS, Institut de Recherche et Histoire des Textes de Paris.

3 Ver Horácio Augusto Peixeiro – *Missais iluminados dos séculos XIV e XV – Contribuição para o estudo da iluminura em Portugal*. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à FCSH-UNL. Lisboa, 1986, p. 288-364; Horácio Augusto Peixeiro – O Missal de Lorvão. *Cadernos Bad*. Lisboa. 2 (1993) 21-27.

2. Breve descrição

O códice, BPE CXXIV/1-3, de 295 fólhos, com as dimensões de 231x345, é escrito a duas colunas, em pergaminho fino, com um ligeiro corte transversal, de alguns milímetros, na margem de goteira.

Sem referência a qualquer datação e ao local de origem⁴, esta bíblia pode, contudo, ser atribuída a uma oficina italiana de Bolonha; na verdade, a letra do tipo universitário “*bonnoniensis*”, os ornatos, nomeadamente, o de folhas lanceoladas e o filiforme, de cor branca, sobre os fundos bem como o tratamento bizantinizante característico das figuras indicam-nos, com relativa certeza, aquela procedência, datando, provavelmente, da segunda metade do século XIII⁵. Na verdade, podem assinalar-se semelhanças com a Bíblia Vaticana, latina 20, situada à volta de 1270⁶.

Tem o texto da Vulgata completo⁷, a ordenação dos livros comum às bíblias de Paris, mas com um e, por vezes, dois prólogos a anteceder cada livro, em número semelhante ao das outras bíblias italianas, e as *Interpretationes hebraicorum nominum*, no final. As anomalias registadas são devidas a erro do copista, como sejam, a colocação dos prólogos após o livro do Apocalipse e a inclusão da oração de Salomão no final do livro dos Paralipómenos II, em vez de vir em Eclesiástico 52. Este e outros textos, como a oração de Manassés, habitual neste lugar, deixaram de pertencer ao cânone bíblico a partir do Concílio de Trento. O prólogo do Livro de Isaías parece ser típico das Bíblias bolonhesas.

3. A Iluminura

A iluminura da Bíblia de Évora situa-se numa fase de evolução do *primo stile* bolonhês, rico em policromia, valorizando sobremaneira as cores frias, especialmente o azul intenso, ultramarino, associado ao verde, o *verdante*, tal como propunha Cimabue, mais elaborado nas técnicas pictóricas, transformando a bíblia num livro-objeto sumptuoso, cheio de brilho da cor e do ouro.

4 No fl. 1 existe uma nótula de posse em parte rasurada: *Iste liber est...*

5 Cf., em particular, Mario Salmi – *La miniatura italiana*. Milano, 1955; e Antonio Conti – *La miniatura bolognese, scuole e botteghe, 1270-1340*. Bologna, 1981.

6 A nota anexa ao volume deste exemplar da Biblioteca Vaticana, situa-a no século XIV, o que parece pouco provável.

7 (*Prologus*) *Incipit epl'a sci ierōi ad Paulinum pb'rm de omñibz diuinis hystorie libris*. (Sequência dos textos): *Genesis, Exodus, Leviticus, Numeri, Deuteronomium, Josue, Judices, Ruth, Regum I, II, III, IIII, Paralipomenon I, II, Esdrae I, II, Tobias, Judith, Esther, Job, Psalmi, Parabola Salomonis (Proverbia), Ecclesiastes, Canticum Cantorum, Sapientia, Ecclesiasticus, Isaías, Jeremias, Lamentationes, Baruch, Ezechiel, Daniel, Osee, Joel, Amos, Abdias, Jonas, Michaeas, Naum, Habacuc, Sophonias, Aggaeus, Zacharias, Malachias, Machabeorum I, II, E. s. Mattheum, E. s. Marcum, E. s. Lucam, E. s. Joannem, E. ad Romanos, E. ad Corinthios I, II, E. ad Galatas, E. ad Ephesios, E. ad Philippenses, E. ad Colossenses, E. ad Tesselonicenses I, II, E. ad Timotheum I, II, E. ad Titum, E. ad Philemonem, E. ad Hebraeos, Actus Apostolorum, E. Iacobi, E. I Petri, E. II Petri, E. I Joannis, E. II Joannis, E. III Joannis, E. Judae, Apocalypsis, Interpretationes*.

Para compreender o que foi o *primo stile* e como vai evoluindo ao longo do séc. XIII, convém introduzir mais uma pequena nota sobre a iluminura bolonhesa deste período, que se desenvolveu, em grande parte, à sombra da sua famosa universidade que atraía estudantes de todas as partes da Europa. A necessidade de produção de livros vai originar, inicialmente, um sistema mais ou menos disperso, gravitando um conjunto de copistas e artesãos em redor dos estacionários, fornecedores das peças em que era dividido o original a copiar, sem uma associação direta entre eles. Isto quer dizer que não há uma grande unidade de feitura, sendo mais difícil de encontrar o rasto do estilo dum iluminador. Para agilizar a produção, foram-se especializando as tarefas, que se dividem em dois grupos: as da pena e as do pincel. No caso da filigrana, que então é desenvolvida, forma rápida e económica de ornar a página e de marcar o texto para diferenciar as suas partes com vista à leitura, era executada por alguém que deveria ter várias competências: ser capaz de manejar com destreza a pena, mas principalmente conhecer bem os textos de modo a executar as diferentes letras iniciais com virtuosismo e com a necessária diferenciação, de acordo com a importância e o sentido textual. No final do período e já na transição para a segunda maneira (final do séc. XIII e início do séc. XIV) podemos ver que o filigranador se vai especializando, tornando-se um hábil desenhador de complicadas filigranas, mas também menos atento aos textos, como se vê no Missal de Lervão, onde, a par da competência do artista, se podem encontrar erros e correções das iniciais que permitiram mostrar a existência de especialização e de divisão do trabalho nas oficinas de Bolonha nos inícios do séc. XIV⁸.

Os exemplares das Bíblias da Biblioteca Nacional de França (BnF) (ms. lat. 18 e 22) e da Bíblia Vaticana (lat. 20) são pontos de referência para caracterizar o *primo stile*, ainda que já no final do seu período (1270), na transição para o *secondo stile*, transição mais avançada na Vaticana, que se manifesta pela policromia mais rica e uma técnica mais apurada com influência da pintura, que continua visível ainda mais no século XIV. A iluminura bolonhesa, que se desenvolve à sombra da universidade, como se disse, atraía numerosos artistas de variadas partes, o que poderá justificar a heterogeneidade de técnicas e de motivos.

O programa ornamental da Bíblia de Évora compreende 143 iniciais historiadas e 33 fitomórficas para os prólogos e o *incipit* de cada livro, e ainda para os salmos assinaláveis do Saltério, segundo uma hierarquia de importância. É estreita a relação da imagem com o texto bíblico, aparecendo, no prólogo, a do comentador/tradutor e nos salmos uma imagem alegórica. Refere-se, geralmente, ao início do texto de cada livro, tal como a ilustração do Génesis, com os dias da criação, do Evangelho de S. Mateus com a árvore de Jessé, as referências à morte de Moisés e de Josué

8 Ver Horácio Augusto Peixeiro – *Missais iluminados...*, p. 297-299, 346-349.

nos livros respetivamente de Josué e dos Juízes. Podem, também, privilegiar-se as figuras evocadas nos livros como nos de Judite e de Ester, ou os símbolos dos Evangelistas, ou a figura do apóstolo dos gentios nas cartas de S. Paulo. Enquadra-se, pois, no esquema ilustrativo das bíblias, herdado do românico, compreendendo a representação de cenas, de figuras históricas e a utilização de temáticas definidas. Completam a iluminação da página as iniciais filigranadas destinadas aos capítulos dos livros, alternando nas cores azul e vermelha, quanto ao corpo e à filigrana que preenche os fundos, sem enquadramento, e se estende, por vezes, nas margens e no intercolúnio. Os motivos geométricos e fitomórficos estilizados dispõem-se de forma ainda pouco estruturada, ao contrário do que se verá no século XIV. A sua execução rápida, com uma agilidade própria de quem está habituado a este trabalho, revelam uma tarefa oficial que visa uma produção mais eficiente e barata.

O programa figurativo, de que se destacarão a seguir as iniciais do Génesis e do Evangelho de S. Mateus, evidencia-se, especialmente, pelo tratamento dos temas, comum às bíblias deste período. Abre com a inicial F do prólogo (fig. 1), ocupando a altura da coluna de texto com figuras à antiga, atlantes e cariátides, folhas e caules enrolados compondo a haste vertical e enquadrando a representação do escriba e do seu ajudante. Estas ramagens, dispostas no enquadramento das letras e ao longo das margens, com folhas lanceoladas mais ou menos túrgidas, são uma característica da iluminura bolonhesa, que, à semelhança do códice eborense, a Bíblia Vaticana, lat. 20, utiliza de forma muito elaborada, juntamente com os motivos clássicos de atlantes e cariátides.

O Antigo Testamento começa com a inicial *I* do livro do Génesis (*In Principio creavit Deus caelum et terram*), (fig. 2) que se estende no intercolúnio, ocupando toda a altura da página, compartimentando-se em medalhões quadrilobados, nos

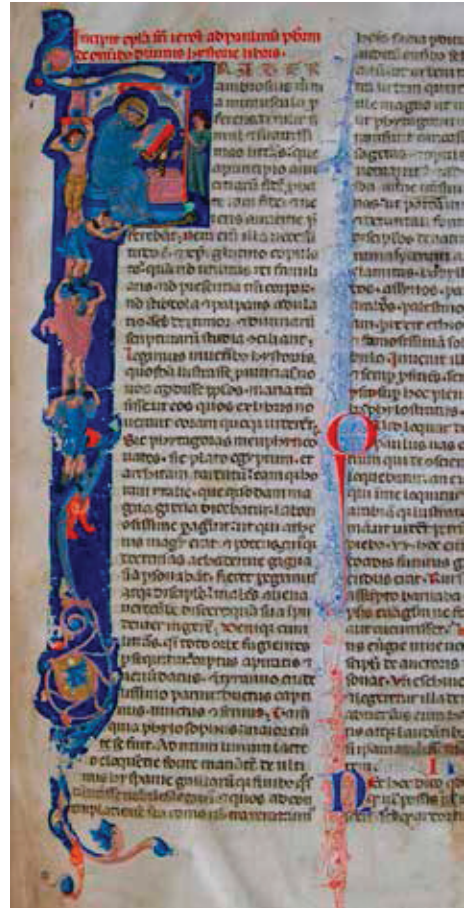


Fig. 1 – S. Jerónimo a escrever. Inicial historiada F do Prólogo. (Évora, BPE, Cod. CXXIV/1-3, f. 1)



Fig. 2 – Criação, Crucifixão e Anunciação. Inicial historiada I do Livro do Génesis. (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 4)

quais vemos, ordenados de cima para baixo, os sete dias da criação, no estilo das bíblias de Bolonha⁹: 1.º a criação da luz; 2.º a separação das águas e a criação do firmamento ou céu; 3.º a criação das plantas; 4.º colocação das estrelas no firmamento, do sol e da lua; 5.º a criação das aves e dos animais; 6.º a criação do homem e da mulher, rematando com a figura divina a abençoar toda a Sua obra, no sétimo dia. Ao alto, de cada lado, duas figuras de profetas; em baixo, a cena do Calvário, ladeada pelas figuras da Anunciação: o arcanjo Gabriel e a Virgem Maria; de joelhos, adorando, provavelmente um frade dominicano. A disposição simétrica dos elementos decorativos, segundo esquemas ligados ainda ao românico, bem como a sequência dos dias da criação revelam a pertença a oficina bolonhesa¹⁰. A representação do Calvário aparece, também, em outras bíblias, no evangelho de S. Lucas e no de S. Mateus, neste caso, na Bíblia de Paris, ms. lat. 18 conhecida por Bíblia do papa Clemente VII (fig. 3a e b), atribuída a Jacopino da Reggio, em que são evidentes as semelhanças com a mesma imagem da inicial do Génesis da Bíblia de Évora. A associação do Calvário e da Anunciação adquire especial significado: A nova criação, realizada na árvore da Cruz, inicia-se com o sim da Anunciação; a árvore da vida do paraíso é associada à árvore da Cruz, o *fiat* da criação, ao *fiat* da Virgem em resposta ao anjo Gabriel. Cristo é o novo Adão, a Virgem, a nova Eva. Deste modo, à semelhança do alfa e do ómega, que aparece neste lugar nas bíblias românicas, ou do tau do início do cânon da missa, a letra *I*, que na interpretação humanística do calígrafo do séc. XVI Geoffroy Tory, no seu livro *Champfleuri*, é a letra fundamental, uma espécie de escada

9 Os temas desenvolvidos nos seis medalhões tratam, com alguma liberdade, a sequência dos dias da criação e os assuntos selecionados.

10 Cf. Antonio Conti – *La miniatura bolognese...*, p. 21.

que a divindade coloca entre a terra e o céu¹¹, transforma-se numa letra mística, que condensa em si todo o mistério da salvação que o frade dominicano contempla de joelhos. Esta não é a única presença de religiosos mendicantes nesta bíblia; outras cinco vezes aparecem em outras tantas iluminuras. Uma delas, na inicial historiada da Carta aos Romanos (fl. 480v), representa S. Domingos juntamente com S. Pedro e S. Paulo, provavelmente uma referência à visão de S. Domingos na Basílica dos apóstolos, em Roma, episódio narrado na *Legenda de São Domingos*, de frei Constantino de Orvieto¹². Esta presença repetida indicia uma especial ligação do códice com a Ordem dos Pregadores com influência no meio universitário.

No início do Novo Testamento, o tema da árvore de Jessé aparece frequentemente associado, nas bíblias iluminadas, ao início do Evangelho segundo S. Mateus que abre com a genealogia de Cristo, segundo a carne: “*Liber Generationis Ihesu Christi*.” Tem origem nas interpretações exegéticas e plásticas da profecia de Isaías (Is. 10, 33; 11, 10): “Sairá uma vara do tronco de Jessé, e um rebento brotará das suas raízes” Nascendo em ambiente românico, adaptando-se bem à interpretação simbólica que aí se dava do mundo vegetal, ainda que limitado às espécies que mais se prestam a transformações em volutas e espirais, tais como o acanto ou a videira, irá ser abundante e diversamente tratado no séc. XIII, na iluminura, no vitral e na escultura com



Fig. 3a – Calvário. Medalhão marginal no início do Evangelho de S. Mateus. (Paris, Bnf, ms. Lat. 18, f. 342v)



Fig. 3b – Calvário. Inicial historiada I do Livro do Génesis (pormenor). (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 4)

11 Cf Geofroy Tory – *Champfleury: Auquel est contenu Lart & Science de la deue & vraye Proportion des Lettres Attiques, qu'on dit autrement Lettres Antiques, & vulgairement Lettres Romaines proportionnées selon le Corps & Visage humain*. 1529.

12 Pode consultar-se a recente edição em português, Constantino de Orvieto – *Legenda de São Domingos*. Trad. de Fr. Alberto Maria Vieira. Fátima: [s.n.], 1988, p. 23. Ver Luís Correia de Sousa, *Sacra Pagina*, Lisboa, Paulus Ed., 2015, p. 411.



Fig. 4 – Árvore de Jessé. Inicial historiada L do Evangelho segundo S. Mateus. (Lisboa, ANTT, CF 137, f. 410 v)

uma vegetação gótica mais abundante e diversificada. A Árvore de Jessé simboliza a sequência de gerações a partir do pai de David até ao advento da Virgem Maria e de Cristo, saindo do umbigo, da boca ou do flanco do patriarca adormecido, que, segundo tradição, não veiculada pelo texto sagrado, terá visto em sonhos esta imagem da sua descendência¹³. Os reis, que aparecem na sequência dos ramos da árvore, são os mencionados pelo *Liber Generationis*, início do Evangelho de S. Mateus. Nos vitrais de Chartres e da Saint-Chapelle de Paris, como também na abadia de Saint-Denis, dispõem-se simetricamente as gerações do espírito e da carne, acompanhadas dos profetas que anunciam, de idade em idade, o desabrochar desta árvore.

A forma corresponde ao texto e ao sentido – uma haste nascendo do

ventre ou do flanco de Jessé –, mas tem diferentes interpretações plásticas. A forma arborescente é a mais comum, adaptando essa árvore formas simbólicas, como a mandorla habitada por Maria com o Menino. Contudo, no início do Evangelho de S. Mateus, é mais frequente a forma dum ramo que, partindo de Jessé reclinado, se estende ao longo da haste vertical do L, como se pode ver na Bíblia italiana da ANTT, CF 137 (fig. 4). Este códice, com iluminura típica da escola bolonhesa do *primo stile*, próximo do códice da BnF ms. lat. 22, atribuído a Jacopino da Reggio¹⁴, que A. Conti considera obra exemplar da *prima maniera*, é datável de 1260-70. Na verdade, os motivos ornamentais, nomeadamente as folhas lanceoladas, os nós no prolongamento das letras e das hastes das ramagens, os ornatos marginais¹⁵ com uma ironia e uma construção diferentes da escola parisina, apontam nesse sentido. Denunciando uma paleta sóbria, em que predomina o azul, que preenche os fun-

13 No séc. XII, o monge Hervé, na sequência de S. Jerónimo, a interpreta segundo o texto de Isaías: “Jessé foi o patriarca da linhagem dos reis. O tronco de Jessé é esta linhagem real. O ramo é Maria, o rebento de Maria é Cristo” (Migne, P.L., CLXXXI, col. 140 A).

14 Jacopino da Reggio é um iluminador emiliano que esteve ativo em Bolonha, no 3.º quartel do séc. XIII. São-lhe atribuídas várias obras, ainda que, provavelmente, nem todas da sua exclusividade.

15 Estes ornatos foram, em grande parte, amputados, recortando o pergaminho, e substituídos por outros em remendo colado, acontecendo o mesmo às iniciais do Génesis e do Apocalipse.

dos, com uma escassa presença do ouro, uma técnica de pintura de camada tênue, deixando transparecer o desenho subjacente, em que a linha rápida de realce substitui os matizes, esta iluminura é um bom exemplo do *primo stile* bolonhês do tempo de Jacopino. O mesmo modelo é seguido na Bíblia Vaticana, ms. lat. 20, numa forma ainda mais linear e elegante, evocando o tratamento formal do I do Génesis. Mas nesta inicial, por vezes, em lugar da Árvore de Jessé, aparece apenas a Anunciação, como se pode ver na Bíblia parisiense, da Biblioteca Nacional de Lisboa, Alc. 455.

A Bíblia de Évora segue o modelo arborescente, segundo um esquema, vulgar na iluminura bolonhesa no último quartel do séc. XIII, que se assemelha a uma grelha de vitral, também utilizado por Jacopino da Reggio, como se vê na Bíblia de Paris, BnF ms. Lat. 18, em página enriquecida com outros temas e outros motivos decorativos (Fig. 5 e 6). Saindo do umbigo de Jessé, dormindo, a árvore desenvolve-se, como um *rinceau*, em volutas que suportam medalhões em que se inscreve uma reduzida série de figuras dispostas simetricamente à volta dum eixo central constituído pelo rei David, a Virgem Maria e Cristo, que coroa superiormente a construção. A iluminura mostra uma paleta rica, com predomínio do azul e do ouro e uma técnica de sobreposição de camadas para obter volumetria, a luz e a sombra. De notar a forma da coroa de David que pode ser registada num período alargado, servindo apenas para identificar



Fig. 5 – Árvore de Jessé. Inicial historiada L do Evangelho segundo S. Mateus. (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 431 v)



Fig. 6 – Árvore de Jessé. Inicial historiada L do Evangelho segundo S. Mateus. (Paris, BnF, ms. Lat. 18, f. 342v)

não um artista mas um estilo ou uma escola ou uma região, como se poderá ver no referido Missal de Lorvão, da primeira ou segunda década do séc. XIV, e na bíblia da Biblioteca Vaticana, lat 20., mais próxima da de Évora.

A árvore de Jessé é mais que uma simples árvore genealógica; é uma árvore mariana, a Árvore da Vida – por isso se liga com o Génesis – que, segundo S. Cirilo de Alexandria (c. 370-444), oculta no meio do Paraíso, cresceu em Maria e, saindo dela, “estendeu os seus ramos a todo o mundo, espalhou os seus frutos tanto sobre os povos mais longínquos, como sobre os seus vizinhos.” Maria é a nova Eva, reparadora das faltas da primeira, saindo do flanco de Jessé. Por isso, esta Árvore é também a imagem das promessas de Deus aos homens que se realizaram por completo em outra, a da Cruz, em que foi resgatado o pecado cometido na primeira, a árvore do Éden. A associação entre as iniciais *I* do Génesis e o *L* do início do Novo Testamento é evidente não apenas no sentido mas também na iconografia e realiza-se no tema da Árvore de Jessé. Por isso, também, num e noutro caso, vemos associado o tema da Anunciação, enaltecendo a conceção virginal e o papel do Espírito Santo, que muitas vezes remata esta árvore.

4. As Bíblias de Évora e da Torre do Tombo e a oficina de Jacopino da Reggio

Uma nota final para comparar mais algumas imagens da Bíblia de Évora com outras obras atribuídas a Jaccopino da Reggio, partindo da Bíblia Vaticana ms. Lat 20. É clara a ligação entre estes dois códices. Não sendo tão sumptuosa como uma das mais belas bíblias da Biblioteca Apostólica, mesmo assim, a Bíblia de Évora pode ser considerada uma obra notável, do mesmo autor ou do seu círculo/oficina.



Fig. 7 – Figura masculina com livro. Inicial historiadada T do Prólogo do I Paralipómenos . (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 169)



Fig. 8 – Inicial historiadada T do Prólogo do Livro de Miqueias. (Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 284v)

Sabemos que o método comparativo é falível, por várias razões. Numa confrontação, não exaustiva, das diferentes temáticas, parece evidente que o mestre iluminador não tinha um único modelo a aplicar ao programa de iluminação das suas bíblias, mas introduzia variantes mais ou menos complexas de acordo com o gosto e a importância da encomenda. Por exemplo, o tratamento das letras iniciais apresenta semelhanças quer no que toca ao desenho quer no referente aos motivos decorativos e às cores utilizadas. É frequente o preenchimento do corpo da letra com folhas de acanto estilizadas a azul e rosa respeitando os limites do seu desenho. A sua forma obedece, com certeza, a um caderno de modelos bem definido. Veja-se o caso da letra T (figs. 7 e 8), em que a haste descendente curva delimita um espaço fechado em forma de gota, ou da inicial A da abertura do livro do Apocalipse cuja haste horizontal se transforma em dois arcos concordantes que abrigam a figura de João sentado a escrever a sua visão, utilizando a forma de códice na Bíblia de Évora, substituído na Vaticana por um rolo. Varia, também, o motivo decorativo que se sobrepõe aos arcos: na Vaticana aparece a mão de Deus, na de Évora, raios de sol que podem ser vistos, um pouco diferentes, na Bíblia de Paris (lat. 22)¹⁶, onde a figura do vidente está sentada no chão ou reclinada, acompanhada pelo anjo da revelação tocando trombeta (figs. 9a, b, c).

Outras aproximações podem ser encontradas entre a Bíblia de Évora e a Vaticana lat.20 quanto ao tratamento dos motivos e mesmo dos programas figurativos. Vejamos alguns exemplos mais significativos.



Fig. 9a – Inicial historiada A do Apocalipse. (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 528 v)



Fig. 9b – Inicial historiada A do Apocalipse. (Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 380)

16 A indicação dos raios solares, em geral sete, podem ser vistos como uma alusão às sete igrejas da Ásia descritas no livro do Apocalipse. No caso da Bíblia de Évora, um dos raios não foi coberto a ouro, provavelmente por erro do iluminador, transparecendo o seu desenho na cor azul do fundo.



Fig. 9c – Inicial historiada A do Apocalips. (Paris, Bnf, ms. lat. 22, f. 427)

sendo exclusivo dum artista, mostra um trabalho oficinal característico. O mesmo se diga do tratamento dos elementos arquitetónicos: arcos de volta inteira assentes em colunas com um círculo dourado entre dois retângulos na base e no capitel estilizados, janelas igualmente de volta inteira abertas em panos de muros com faixas horizontais, à maneira dos edifícios da região.

Quanto ao tratamento da temática imagética, nota-se, nas duas bíblias, não só a utilização do mesmo caderno de modelos para a construção dalgumas cenas,



Fig. 10a – Figura com turbante. Inicial historiada h do 2.º prólogo do Livro de Abdias. (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 393)



Fig. 10b – Figura com turbante. Inicial historiada A do prólogo do Livro de Judite. (Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 152v)



Fig. 11a – Inicial I historiada do Livro de Ester (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 224)



Fig. 11b – Inicial I historiada do Livro de Ester. (Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 157)

mas, também, a mão do mesmo artista ou de artistas da mesma oficina dominando técnicas muito semelhantes. É o caso do Livro de Ester (fig. 11a, b) cuja inicial I, é tratada com figuras enquadradas em arcadas sobrepostas com figuração, forma e tratamento da cor idênticos nos dois códices. O mesmo se pode dizer do Livro dos Reis IIII cuja inicial P, com desenho e motivos parecidos, inscreve a cena representando Ocozias caindo da varanda do seu quarto. Algumas semelhanças podem observar-se, ainda, em outras histórias como as dos Livros de Job e de Naum aqui representando, numa quase cópia, o profeta e a destruição da cidade de Nínive, mostrando a porta, as muralhas e as torres a ruir nascidas, certamente, da mesma imagem inspiradora (fig. 12a, b).

Os pontos de contacto da Bíblia de Évora com a de Paris, ms. lat. 22 e com a da Torre do Tombo, que aparentam muita afinidade entre si, são mais ténues. No entanto, o desenho das letras que iniciam o último livro da Bíblia, o Apocalipse, que encontramos na Bíblia de Évora e na de Paris lat. 22, mostram, como se viu, uma grande proximidade



Fig. 12a – Inicial historiada O do Livro de Naum. (Évora, BPE, cod. CXXIV/1-3, f. 396v)



Fig. 12b – Inicial historiada O do Livro de Naum.
(Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 286)



Fig. 13a – Marginalia; figura com cabeça ovalada.
(Lisboa, ANTT, CF 137, f.487)



Fig. 13b – Marginalia; figura com cabeça ovalada.
(Roma, BAV, ms. Lat. 20, f. 152 v)

na forma e nos motivos. O desenho do A, com o travessão horizontal formando duas arcadas, é frequente em outras circunstâncias em que existam histórias com figuras, como no livro de Daniel ou na visão de Ezequiel. As semelhanças com a Vaticana, ms. lat. 20, são igualmente a nível da forma e do tema representado. É interessante verificar que a afinidade referida entre as Bíblias de Paris lat. 22 e da Torre do Tombo se evidencia especialmente a nível das abundantes *drolleries* das margens, onde se pode observar um motivo bizarro, fólio 487, no início dos Atos dos Apóstolos, uma cabeça em forma de óvulo alongado olhando de frente, equivalente a outras duas de perfil, dispostas simetricamente na margem de cabeça do fólio 152v que contém o livro de Judite, visíveis na Bíblia Vaticana lat. 20 (fig. 13a e b).

Fica, assim, completo o círculo, que põe em contacto, com diferente grau de proximidade, as Bíblias de Évora, da Vaticana, da Torre do Tombo de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Paris (lat. 18 e 22), cujo centro é a figura de Jacopino da Reggio, ativo em Bolonha no último terço do século XIII.